

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

EDUVIRGE ANA CONCEIÇÃO OJEDA DE ALMEIDA

**As representações de Joaquim Ferreira Moutinho sobre a Província de Mato Grosso
(1846 – 1868)**

CUIABÁ

2022

EDUVIRGE ANA CONCEIÇÃO OJEADA DE ALMEIDA

**As representações de Joaquim Ferreira Moutinho sobre a Província de Mato Grosso
(1846-1868)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Loiva Canova

CUIABÁ

2022

EDUVIRGE ANA CONCEIÇÃO OJEADA DE ALMEIDA

**As Representações de Joaquim Ferreira Moutinho sobre a Província de Mato Grosso
(1846-1868)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Cuiabá, ____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Loiva Canova
Orientadora

Prof. Dr.
Examinador Externo

Prof. Dr.
Examinador Interno

Prof. Dr.
Examinador Suplente

As representações de Joaquim Ferreira Moutinho sobre a Província de Mato Grosso (1846-1868)

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar parte do conjunto de representações escritas pelo viajante Joaquim Ferreira Moutinho contidas em sua obra “Notícia sobre a Província de Mato Grosso”. O recorte temporal do artigo está centrado entre os anos de 1846 a 1868, definidos a partir da sua chegada no Brasil e sua saída da capital da Província de Mato Grosso, Cuiabá. A problemática do texto trata de apresentar as representações construídas pelo viajante português acerca da paisagem natural da Província de Mato Grosso.

Palavras-Chave: Joaquim Ferreira Moutinho; Representações; Mato Grosso.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar parte del conjunto de representaciones escritas por el viajero Joaquim Ferreira Moutinho contenidas en su obra “Noticia sobre la provincia de Mato Grosso”. El marco temporal del artículo se centra entre los años 1846 a 1868, definidos desde su llegada a Brasil y su salida de la capital de la provincia de Mato Grosso, Cuiabá. La problemática del texto intenta presentar las representaciones construidas por el viajero portugués sobre el paisaje natural de la Provincia de Mato Grosso.

Palabras-Clave: Joaquim Ferreira Moutinho; Representaciones; Mato Grosso.

INTRODUÇÃO

As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.
(Fernando Pessoa)

O presente artigo tem como objetivo descrever as representações escritas por Joaquim Ferreira Moutinho apresentadas em sua obra “Notícia sobre a província de Mato Grosso”, publicada originalmente em 1869. O recorte temporal abrange o ano de 1846, período de sua chegada ao Brasil e se estende à data de sua partida da capital da Província de Mato Grosso, em 1868. A problemática comporta as representações construídas pelo viajante português acerca da Província de Mato Grosso, nos aspectos que envolvem a paisagem natural, suas observações a respeito das riquezas da terra, sobre a exuberância da natureza e das paisagens naturais.

Para delinear o entendimento dessas representações utilizou-se Chartier (1990) o que possibilitou a compreensão das análises dotadas de juízo de valor construídas por Moutinho (1869) em torno da paisagem, geografia e dos aspectos sociais no contexto descrito. O autor explica que uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler, obedecendo a

um sistema de classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real (CHARTIER, 1990, p. 17). O texto embasou-se em Moutinho (1869) e em sua contextualização da cidade de Cuiabá nas últimas décadas do século XIX. Sua contribuição apresenta um conjunto de informações da história regional e de representações de seus moradores com ênfase no fato de que testemunhou a epidemia da varíola, doença responsável pela morte de considerável parte da população cuiabana no contexto da Guerra do Paraguai.

A escolha da fonte justifica-se no fato de corresponder a leitura que agregou ao conhecimento sobre descobertas históricas do cotidiano da capital de Mato Grosso durante o século XIX (MOUTINHO, 1869). Outra importante fonte trata-se de Galetti (2012) que fez fulgurar múltiplas imagens sobre Mato Grosso a partir das narrativas de viajantes. A obra por sua vez, auxiliou a entender o conjunto de representações construídas em torno da natureza da Província de Mato Grosso e dos diferentes grupos sociais que naquele período, contracenavam suas experiências históricas. A obra “Illegalismos e jogos de poder, um crime célebre em Cuiabá (1872): suas verdades jurídicas e outras histórias policiais” de autoria de Oswaldo Machado Filho, conduz o leitor à contextualização de Cuiabá durante as últimas décadas do século XIX. Assim, a leitura possibilitou o entender da complexidade social e da dinâmica da cidade de Cuiabá em torno das relações de poder e os conflitos sociais (MACHADO FILHO, 2006). Em Volpato (1993) facultou-se compreender as relações cotidianas da cidade de Cuiabá no século XIX e especialmente, trouxe à cena o mundo das africanas e africanos escravizados.

Foram utilizadas as referências de Siqueira (2002) contidas em “História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais”, o que contribuiu para o entendimento do processo histórico da conquista portuguesa nas minas de Cuiabá e de Mato Grosso. Percorrendo diferentes períodos da história, a autora abordou a Guerra do Paraguai e a epidemia da varíola, assuntos presentes nos relatos de viagem de Moutinho (ibidem).

O artigo dividiu-se em três partes, sendo a primeira onde apresenta-se informações históricas do viajante Joaquim Ferreira Moutinho obtidas nos jornais pesquisados: A Cruz “Orgão de Liga Social Catholica” e “A Imprensa de Mato Grosso”, periódicos que trouxeram dados relevantes para o desenvolvimento do presente trabalho. Na segunda parte, amplia-se o contexto histórico de Cuiabá em meados do Século XIX, que corresponde ao período estudado. A última parte enfatiza a descrição de representações que foram construídas por Moutinho.

1. INFORMAÇÕES HISTÓRICAS DE JOAQUIM FERREIRA MOUTINHO: Um viajante nascido no Velho Mundo

De acordo com o Jornal A Cruz o viajante português Joaquim Ferreira Moutinho com seus 14 anos de idade e sem profissão declarada, aportou no Brasil, com a embarcação Galera Tentadora no dia 17 de agosto de 1846. Fixou residência no Rio de Janeiro por 4 anos.

Moutinho chegou em Cuiabá em 1850, “como consta do título de residência de estrangeiros que juntou a justificativa procedida no fôro eclesiásticos para provar o seu estado livre, por ocasião das suas primeiras núpcias”. O documento chamado de “título de residência” prova seu estado civil. De acordo com o documento, era solteiro, e filho de José Ferreira Moutinho e de Rita Albina Martins Costa. Nascido em 25 de julho de 1833 na cidade do Porto, em Portugal. Nas terras portuguesas, residiu na rua das Violas número 32, cidade do Porto.

Em solo cuiabano, no ano de 1852 casou-se com dona Gertrudes Ludovina Monteiro, filha de Luiz Manoel Monteiro e Maria do Carmo Monteiro. A família descendia pela linha paterna dos Monteiros de Mendonça e pela linha materna dos Moraes Navarros. O padrinho de batismo de Moutinho foi Antonio Gomes Segurado e sua madrinha foi Anna Ferreira Moutinho Segurado. O casal morava na rua da Alegria, na cidade do Porto em Portugal¹. O casamento com a senhora Gertrudes durou 9 anos. Em 1861, a sua esposa faleceu. A triste notícia foi assim escrita no Jornal A Imprensa de Cuiabá: Periódico Político, Mercantil e Literário de Mato Grosso:

Joaquim Ferreira Moutinho agradece cordialmente a todas as pessoas que dignarão honrar com sua presença o funeral de sua muito querida esposa D. Gertrudes Lodovina Ferreira Moutinho, e pede-lhes encarecidamente o caridoso obsequio de comparecerem à Missa de 7 dia, sábado 19 do corrente (A IMPRENSA, Ano 1861, Edição 00085).

Segundo o Jornal A Cruz em matéria escrita por José de Mesquita, há informações do seu segundo matrimônio. Desta vez a esposa foi Marianna Rita, filha de André Gaudie Ley e D. Rita de Campos Maciel. Seu segundo casamento aconteceu em 10 de maio de 1863 e em 1868, deixaram a cidade de Cuiabá e seguiram para Portugal, onde viveram muito tempo, deixando uma numerosa prole². Os dados escritos em sua obra atestam que Joaquim Ferreira Moutinho era considerado uma pessoa importante para a sua época. Como comerciante ascendeu socialmente ocupando lugar de destaque junto a elite local. Tinha tino para negócios,

¹ Presente em: A Cruz Orgão de Liga Social Catholica, 1932, edição 01056

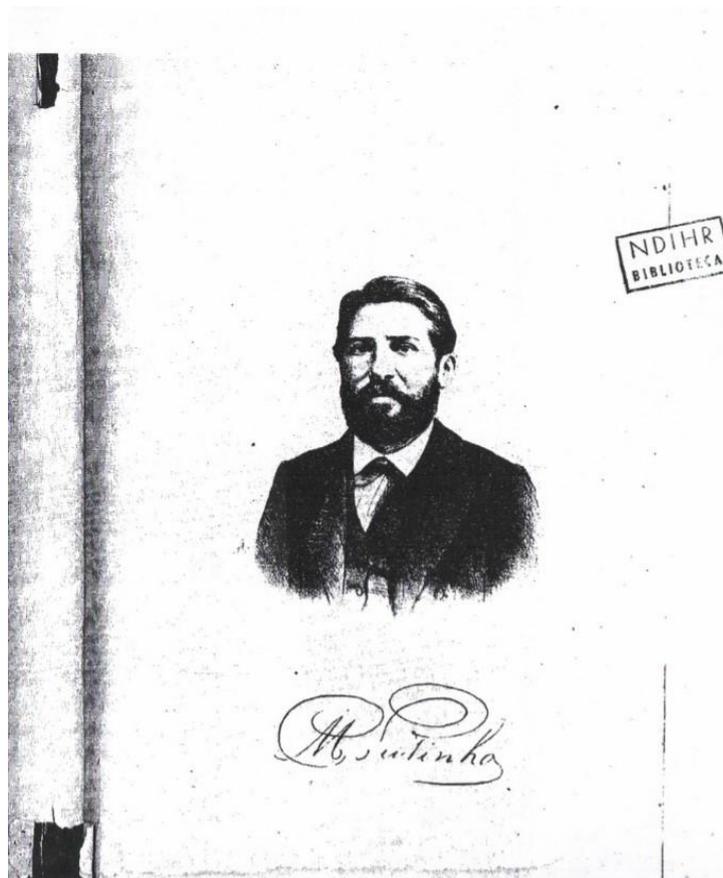
² Presente em: A Cruz, Ano 1932, Edição 01056

era dono de casas de fazendas e “boticas”. Foi descrito como homem visionário que viajou além-mar e que em Cuiabá fez fortuna (Figura 1).

Além de toda vivência na Província, e destaque como homem de negócios, formou família e dessa união deixou no Brasil três filhos falecidos. Enterrados no cemitério da Piedade na cidade de Cuiabá. Um deles, tinha a idade de 4 anos. Era uma criança do sexo feminino. Não sendo especificada a doença que a levou a óbito.

Só pode compreender um pae que já alguma vez apertou convulsivamente entre os braços um filho moribundo, como querendo, no delírio do desespero, arrancar o às garras da morte; e depois, vergado sobre o ferreiro aberto, ahi contemplou o livido, frio, a fronte coroadada de flores os lábios imóveis, sem que os enecrespem mais os sorrisos de infância os dedinhos enclavinhados os longos cílios ainda húmidos da ultima lagrima de agonia. Era nossa filhinha a nossa mais cara esperança, o encanto de nossa vida, o sonho dourado do nosso futuro, o pharol (farol) que nos alumiaava nas tempestades da existência (MOUTINHO, 1869, p.89).

Figura 1 - Dr. Antonio Ferreira Moutinho



Fonte: Ilustração obtida por meio de digitalização de “Notícia sobre a província de Mato Grosso (MOUTINHO, 1869).

Moutinho discorre, no fragmento abaixo sobre sua partida de Cuiabá e sua ida ao cemitério. A sua saída de Cuiabá se deu no dia 25 de maio de 1868. Moutinho fez uma última visita no túmulo de seus filhos, que assim escreveu:

O doloroso golpe de ver morrer tantos entes que nos eram caros, em cujo número contamos, infelizmente três filhos que amávamos estremecidamente, há muito tempo dávamos à providenciar nossa partida, que máu fado nosso, não se pôde realizar antes da peste da varíola, obrigando-nos a testemunhar esse quadro de horrores e sentir-lhes as terríveis consequências. (MOUTINHO, 1869, p.7)

Após a contextualização da personalidade supracitada, lê-se a seguir, reflexões acerca do papel histórico dos viajantes. A obra de Moutinho (1868) enquadra o diálogo histórico.

Diz Nobert Elias que o viajante é um observador na sua totalidade. Tem o olhar que possibilita o sentimento às conexões da memória. O viajante se desloca para outros lugares e experiencia o conhecimento de si mesmo e com um olhar de curiosidade vai identificando as paisagens, matas, plantas, rios, animais e até as vivências mais sensíveis como o perfume das flores. Sua prática e formação permitem observar a exuberância, possibilitam construir uma narrativa do percurso, das paradas e das estadias.

Para o autor Nobert Elias é uma experiência de novos contatos com a diversidade da natureza. A descrição da paisagem natural e cultural apresenta a sensibilidade reflexiva do autor. Sua descrição nos remete ao tempo e ao espaço através de suas aventuras. Eram indivíduos ligados aos interesses de Portugal, onde os lucros econômicos estavam nas mãos desses comerciantes vindos do além-mar, e comandavam a economia local que abastecia a cidade e a região e seus entornos.³ Segundo Ana Lúcia Rocha Barbalho Cruz, os viajantes foram importantes na divulgação das informações adquiridas em suas expedições. Fizeram essa ponte para apresentar o novo mundo à Europa.

Eram homens letrados, que se deslocavam do Velho Mundo para poderem esquadrihar a geografia e as riquezas naturais do novo mundo, atendendo a perspectiva utilitária dos interesses do mercado europeu. O Brasil foi representado pelo imaginário desses homens em um conjunto de juízos e valores que destinavam ao exercício dos conhecimentos das possibilidades utilitárias do espaço e das riquezas naturais. Foram os responsáveis pela catalogação de novas espécies de plantas e animais. Descreviam a beleza exótica dos animais,

³ Disponível em: ELIAS, Nobert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. V. I. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

vegetais, da paisagem natural, e construíram representações, por vezes, negativas da população (CRUZ, 2003, p. 6).

Ainda, a autora esclarece que todo viajante de uma forma ou outra fala de si. Por mais pretensão que o registro de viagem tenha a uma suposta objetividade, ele é permeado pela visão de mundo do viajante e, mais do que isso, assinala de que perspectiva ele se coloca ao descrever o universo que o rodeia. Para desvendar esses aspectos, entretanto, é preciso valorizar os detalhes, ir além do que intencionalmente foi colocado em primeiro plano e especular a pretexto da observação passageira do comentário casual, dos silêncios, dos “testemunhos involuntários”.

Após apresentar algumas informações sobre o viajante que esteve em terras cuiabanas e as intencionalidades de seus relatos, o texto segue apresentando o contexto da história de Mato Grosso.

2. O CONTEXTO HISTÓRICO DA PROVÍNCIA DE MATO GROSSO E SUA CAPITAL, CUIABÁ

De acordo com Carlos Alberto Rosa “pensar a História de Mato Grosso é reconhecer que essa é a história de um espaço constituído como território durante séculos” (ROSA, 2009, p.01). Desde o início do século XVIII houve a invasão de colonizadores nos territórios indígenas, que haviam se estabelecidos no continente sul-americano há milhares de anos. Estratégias e interesses estatais fizeram a divisão de Mato Grosso acontecer no período da Ditadura Militar do Brasil. Esse fato aconteceu em 1977, quando foi criado o estado de Mato Grosso do Sul. Nos anos 40, foi criado o território de Rondônia, que atualmente constitui um estado da Federação.

Mato Grosso foi cenário de relações intercontinentais, multiétnicas e de diversificadas culturas. Estabeleceu vínculos comerciais, culturais, políticos e sociais com as outras unidades administrativas do Império do Brasil, da América Latina, da Europa, África, da Ásia e outros territórios. Gislaine Moreno e Tereza Cristina Higa acerca de estudos sobre a geografia, apresentam Mato Grosso em sua diversidade de paisagens. Está localizado no centro da América do Sul, formado por grandes planaltos como a Chapada dos Parecis, e Chapada dos Guimarães, acompanhado por depressões como do Guaporé, e a depressão Cuiabana. No século XIX, Mato Grosso era ainda um espaço do território nacional agraciado por grandes e imensas florestas virgens (MORENO & HIGA, 2005, p. 228).

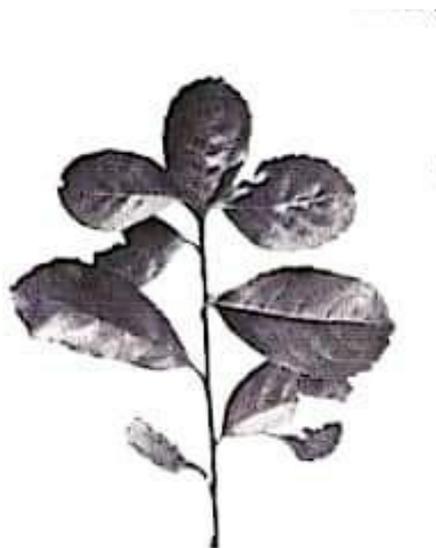
Nesse aspecto a geografia espacial tem umas das características únicas que é a planície do Pantanal, que resulta da deposição de sedimentos fluviais recentes. O clima de Mato Grosso

é marcado por duas estações verão e chuvas, as chuvas são de novembro a abril, e a estação seca de maio a outubro. Siqueira (2002) aborda o término da Guerra Tríplice Aliança contra o Paraguai, resultando na liberação da navegação pelo rio Paraguai e, com o Mato Grosso abrindo sua economia para o mercado internacional. As mercadorias importadas pelas casas comerciais mato-grossenses vinham principalmente da Europa e eram diversificadas; tecidos, especialmente adornos pessoais como chapéus, luvas, leques, meias sapatos adornos de casa abajures, lustres, espelhos, baixelas, mobiliários, instrumentos musicais a exemplo de piano, alimentos como bacalhau, azeitona; bebidas, especialmente vinho português e espanhol, cerveja, licores, champagne além de biscoitos, chocolate, trigo, temperos secos, chás, máquina a vapor, ferramentas, remédios, dentre outros produtos.

Além de todo este processo de importação em Mato Grosso, estava acontecendo outra movimentação na área econômica atraindo a entrada de capital internacional, o que estimulou os investimentos dos habitantes na província. Segundo a autora, muitos imigrantes entraram em Mato Grosso e ali permaneceram, construindo famílias e investindo na região. Escolheram morar nas cidades portuárias: Corumbá, Cáceres e Cuiabá, onde montaram seus estabelecimentos comerciais.

Um dos comerciantes era Tomás Laranjeira, que durante as longas caminhadas pelo baixo Paraguai, percebeu a existência de extensos ervais nativos em solo mato-grossense (Figura 2). Na fronteira com a República do Paraguai, pensou em dedicar-se a extração da erva-mate nativa das margens dos rios Iguatemi e Amambai (Figura 3), produto muito procurado nos mercados do Prata, assim requereu ao governo da Província de Mato Grosso no ano de 1878 licença para explorar, e assim fundou a Companhia Mate Laranjeira.

Figura 2 – Representação Ilustrativa da Erva-Mate



Fonte: História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais (Siqueira, 2002)

Figura 3 - Carregamento de Erva-Mate



Fonte: Obtido por meio de digitalização (Siqueira, 2002).

Outra importante descoberta a Ipecacuanha, cientificamente classificada como *Cephaeles* e conhecida por Poaia, uma raiz de um pequeno arbusto, rica em emetina, substância que compõe os ingredientes de diversos medicamentos fabricados para a cura da coqueluche, bronquite e até mesmo disenterias. Foi no final do século XIX, que as indústrias farmacêuticas da Europa demonstraram interesse em adquirir Poaia para a fabricação de medicamentos. As qualidades medicinais desta raiz já eram conhecidas entre os povos indígenas da América do Sul, que a utilizavam para a cura de muitas doenças. Em Mato Grosso a Poaia era nativa, no

extenso território com destaque para Cáceres, Barra do Bugres, Tangará da Serra, Vila Bela e até mesmo Cuiabá.

Nas bacias dos rios Tapajós e Paraguaia, as mangabeiras e seringueiras nativas floresceram, do local, era retirado um látex de excelente qualidade, com alto teor de coagulação e muito procurado pelos mercadores europeus. A comercialização dessa produção mato-grossense era feita pelas grandes casas comerciais regionais, que exportavam a produção diretamente para os mercados platino e europeu, dentre eles, destacam-se Almeida & Cia, Alexandre Addir e Firmo & Ponce (SIQUEIRA, 2002, p.107).

As famílias que compunham a elite cuiabana descendiam de oficiais militares que, vindo servir em Cuiabá, lá tinham se fixado e se constituído. Outras descendiam de profissionais liberais que haviam buscado o interior do Império para iniciar a carreira e lá tinham permanecido e de famílias que foram donas de latifúndios. Volpato (1993, p. 34) enfatiza que o comércio também havia contribuído para a constituição de fortuna e projetado a formação de famílias afortunadas. A autora indica que além da elite e dos pobres que habitavam a cidade de Cuiabá, outra parcela da população era de escravos, que exercia várias funções.

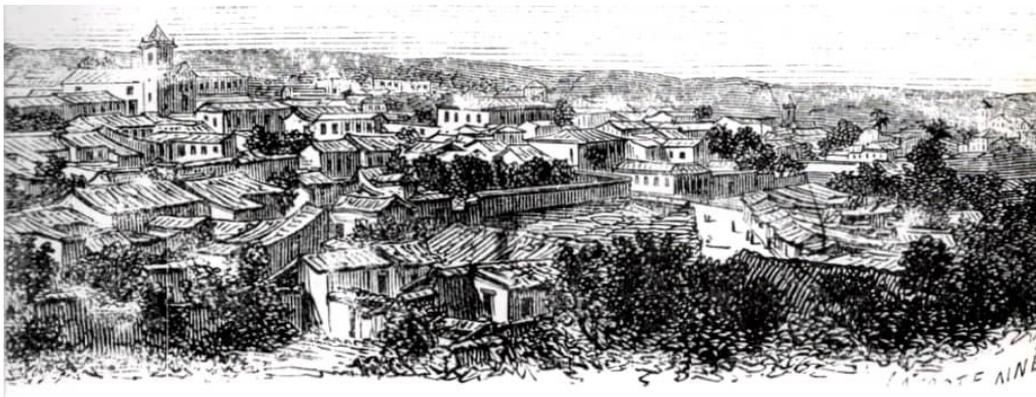
Das tantas funções exercidas pelas mãos africanas, há a descrição dos trabalhos como o carregamento de água, o comércio de frutas nas ruas da capital, o cuidado da casa, assim como a responsabilidade de preparar os alimentos. A outra função era fazer compras para os seus senhores, o espaço de sociabilidade dos negros era nas festas de santos, nos chafarizes, nas praças e nas ruas. Os africanos e seus descendentes e os povos indígenas que também trabalharam como escravos e livres no espaço de colonização setecentista formam em sua maioria a sociedade cuiabana. A cultura cuiabana resulta de relações multiétnicas, multiculturais e intercontinentais.

Visto que as relações construídas na parte mais central da América do Sul, resultou de diferentes relações culturais dos povos africanos e dos povos indígenas, os descendentes de colonizadores europeus também contribuíram com suas ações de colonização (ROSA, 2009). Essa população moradora da Província era também formada por mulheres que circulavam nos espaços da cidade. Eram senhoras elegantes que fazia questão de andar na moda seguindo os padrões europeus, conforme descreve Moutinho:

As senhoras de vestido de seda, que ali custão muito caro. O “toilette” d’estas é as mais das vezes irreprehensível, denotado sempre um apurado bom gosto pelos objetos de luxo, e por esses pequenos “nadas” que podem consumir grossas fortunas. (MOUTINHO, 1869, p.14)

Em Cuiabá (Figura 4) existiam córregos e nascentes com água potável. Nessas águas a administração cuidou de construir os chafarizes, em diversos pontos da cidade. Esses espaços também serviram como pontos de encontros entre os escravos que aproveitavam o momento para se socializarem. Um exemplo desse espaço é o Mundéu, que ficava no Largo da Conceição, atualmente a Praça D. José. De acordo com Volpato (ibidem) foram construídas algumas bicas em Cuiabá. Sete delas localizadas na Freguesia da Sé, duas no Largo da Mandioca, uma no Rosário, três na Prainha e uma no Mundéu. Entretanto, insuficientes para suprir a necessidades do uso de água potável à população. Parte das casas tinha cisterna no quintal, e mesmo assim ainda foi preciso buscar água no rio Cuiabá.

Figura 4 - Província de Cuiabá por Bartolomé Bossi (1865)



Fonte: Obtida por meio de digitalização (Siqueira, 2002).

Machado Filho (2006, p. 26) também alertou que a capital da província, embora banhada pelos rios Cuiabá, Coxipó e por pequenos ribeirões que praticamente cortavam toda a cidade, sofria de fato, constantemente da falta de água potável, fazendo com que o governo provincial aplicasse parte de seus recursos orçamentários na construção de chafarizes e bicas. Dentre os chafarizes construídos na cidade, os mais frequentados eram o do Mundéu e o da Prainha, que durante as estiagens prolongadas, tinha-se um crescimento considerável do movimento da população em busca desse precioso líquido. Devido a insuficiência do recurso hídrico potável, foi necessário acrescentar a água coletada do córrego da Prainha, contudo, essa solução nem sempre era disponível. Durante o período da estiagem, o córrego secava. Houve outro problema que veio agravar a falta de água - o córrego da Prainha passou a ser utilizado pelos moradores da cidade como escoadouro de lixo. A maioria das moradias era construída de adobe, imitando as casas modernas. Tinham vidraças como as casas de Montevideu e Buenos Aires. Eram casas de sobrados e de arquitetura elegante e, algumas poucas tinham um piano e seus moveis

fabricados em Montevideu, no Rio de Janeiro ou na Europa. Os estilos de arquitetura, os moveis de fabricação estrangeira representavam o poder da elite local no século XIX.

Um dos fatos marcantes sobre a história de Mato Grosso foi a guerra do Paraguai. A guerra do Brasil contra o Paraguai que ocorreu entre 1864 e 1870, afetou a populao cuiabana especialmente no ano de 1867, quando ocorreu a invasão dos paraguaios na cidade de Corumbá. O pânico tomou conta da populao que começou a fugir para os sítios distantes, com medo de serem massacrados. Esse não foi o único problema enfrentado nesse contexto, houve também o surto da varíola e as autoridades já estavam preocupadas na soluço desse problema sanitário. Em Volpato (1993) tem-se que o vírus da varíola contagiou a populao cuiabana, tendo como sua origem, os soldados que haviam participado das batalhas acontecidas em Corumbá, parte do cenário da guerra.

O contexto da guerra do Paraguai foi devastador para o cotidiano da populao cuiabana. Nesse período, a populao contava com 24 mil pessoas e desse total, metade veio a bito. A cidade não tinha estrutura para atender os infectados e nem local apropriado para enterrar os mortos. Até então os mortos eram enterrados no cemitério da Piedade, entretanto, devido  quantidade de óbitos, construiu-se o Cemitério Cai Cai. O lugar foi escolhido bem distante da cidade para proteger a populao da transmissão da doença. Todos esses reveses, juntamente com o aprofundamento das dificuldades nas comunicaes, provocaram quebra no abastecimento, assustadora alta nos preços e conseqüentemente, fome:

A repercussão da Guerra do Paraguai no cotidiano das pessoas que viviam em Cuiabá  outro fator de fundamental importância para se entender a realidade vivida pela cidade na segunda metade do século XIX. O período da guerra foi bastante penoso para a populao cuiabana, que se viu diante de graves problemas, como o bloqueio da navegao e o conseqüente desabastecimento da região. Acentuando as dificuldades cotidianas vividas pela populao ocorreram ainda a enchente do rio Cuiabá em 1865 e a epidemia da varíola em 1867 (VOLPATO, 1993, p. 56).

Além de todas as vidas perdidas em decorrência da difusão da varíola, muitos ficaram sem seus familiares. Muitas crianças ficaram órfãs, mulheres ficaram viúvas, homens ficaram sem suas companheiras, muitos laços de famílias foram quebrados, conforme o fragmento exposto:

Os cuyabanos que ainda conservo um resto da antiga repugnância a enterrar os mortos no cemitério, e que por isso não cuido de aformosear o primeiro que foi fundado na capital, foro forçados a fechar os olhos e esses antigos preconceitos (MOUTINHO, 1869. p. 97).

Joaquim Ferreira Moutinho, ainda residia na cidade no período da guerra. A sua narrativa enfatiza que os cuiabanos tinham preconceito de enterrar os mortos em cemitérios, portanto era necessária uma mudança no pensamento desses indivíduos, posto que para eles, a prática de enterrar mortos nas igrejas era maléfica para a saúde da população. Foi nesse contexto que se fez necessária a construção de um cemitério na Província.

O meio de transporte no século XIX era a navegação marítima e pluvial, que predominava sobre os demais meios de transportes. Houve a intensificação do movimento comercial com a navegação a vapor, que foi de grande importância para Mato Grosso. A navegação a vapor possibilitou o transporte da matéria prima para a Europa e, do Velho Mundo também chegavam os produtos manufaturados. A navegação era feita pelos rios Paraná, Paraguai e Rio do Prata que atendia Mato Grosso, Paraguai e Uruguai, esse transporte era único meio de alcançar o oceano.

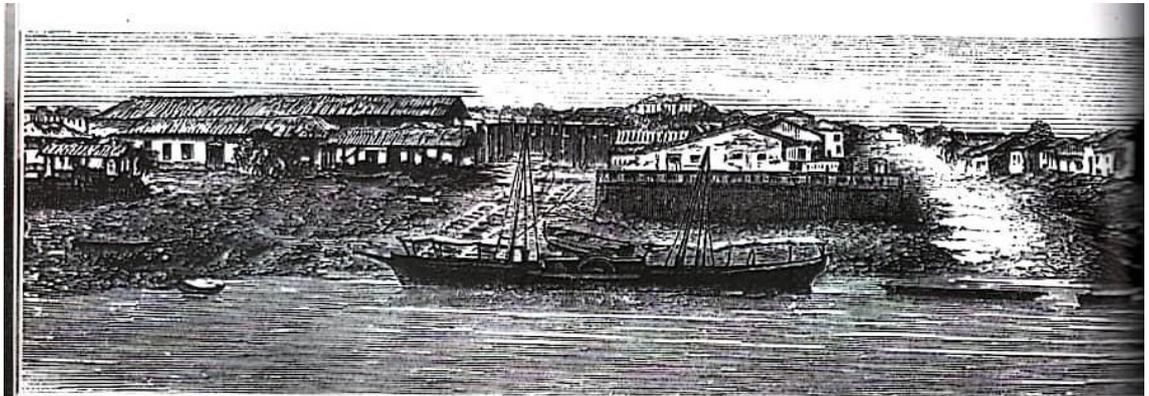
No capítulo seguinte, são apresentadas algumas representações sobre a província de Mato Grosso.

3. AS REPRESENTAÇÕES DE JOAQUIM FERREIRA MOUTINHO SOBRE A VIAGEM PELO SERTÃO DE MATO GROSSO

Segundo a historiadora Lylia da Silva Guedes Galetti, ao longo do período colonial, do Império e da República, o termo “sertão” continuou a designar grandes áreas do interior do território brasileiro, fosse porque desconhecidos, insuficientemente povoadas e ou não completamente integradas. É recorrente que os espaços do interior sejam construídos com o sentido de deserto e de barbárie presentes também nas narrativas do período colonial. O sertão durante o Século XIX, passou a ser visto como patrimônio territorial não explorado. Sob esse viés, o sertão também representava o lugar de riquezas naturais inesgotáveis - solo ubérrimo, subsolo rico em minerais nobres, infindáveis matas e florestas repletas de espécies passíveis de comercialização (GALETTI, 2012).

É com este sentido utilitário que os viajantes passam a informar sobre a diversidade ambiental existente no Brasil. Mato Grosso também foi palco de muitas expedições (Figura 5), inclusive foi por meio de expedições realizadas que houve a travessia pelo interior do Brasil, buscando esquadrihar as riquezas vegetais e minerais do Cerrado, do Pantanal e da Floresta Amazônica.

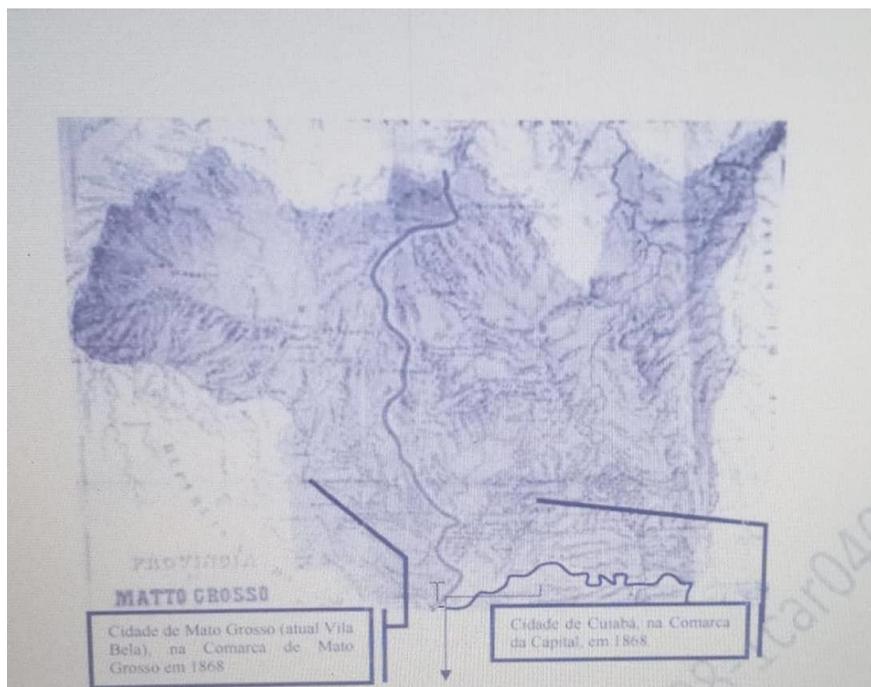
Figura 5 - O Porto de Cuiabá por Bartolomé Bossi (1865)



Fonte: Obtida por meio de digitalização (Siqueira, 2002).

As narrativas dos viajantes tratam de apresentar o esforço de dar a conhecer este lugar “longínquo”. Entre as inúmeras informações e impressões anotadas pelos viajantes merecem destaques a viva admiração diante das dimensões do território de Mato Grosso, a exuberância da natureza, sempre fértil e inesgotável. As representações, assim escritas, são o espelho da extensão das terras de Mato Grosso. Considerada a segunda maior província do Brasil no período imperial e segundo maior estado da República, perdia apenas para o Amazonas em área territorial (Figura 6).

Figura 6 – Representação Gráfica do Estado de Mato Grosso.



Fonte: Obtido por meio de digitalização (ROSA, 2009).

Englobava até o início do século XX o que hoje corresponde aos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia, numa extensão que, em alguns cálculos, chegava a ultrapassar os dois milhões de quilômetros quadrados (GALETTI, 2012, p. 25). Foi nesse ambiente que o viajante Moutinho transitou entre o cerrado, a floresta e a travessia no meio da mata e rios. As representações construídas sobre o sertão de Mato Grosso também são descritas por Moutinho, inclusive, nessas descrições tem-se particularidades que vislumbravam a representação da abundância de alimentos, colhidos das plantações e de peixes pescados do rio Cuiabá, como demonstra o trecho:

Dessa terra de encantos e de maravilhas onde a frondosa videira produz seus açucarados frutos duas vezes por ano, onde um pé de milho chega a sustentar sete espigas, onde a laranja depois de amadurar reverdece, onde a cana procura igualar-se a palmeira, e onde o açúcar é tão seco arrebatados pelo vento, onde o espaço de muitos dias os rios coalhados pelo peixe que sobe roncando, o que lhe deixa engorduradas as águas (MOUTINHO, 1869, p. 2).

Das características dos alimentos, são enfatizadas as representações sobre a fartura e os sabores adocicados dos frutos e dos alimentos. Faz-se entender que os peixes eram abundantes nos rios que cursavam o Mato Grosso, a ponto de engordurar a água dos rios. Da fartura das laranjas, há de somar o relato de outro viajante que esteve em Mato Grosso, que assim escreveu: “la naranja que es abundante presenta un fenómeno explicado pela feracidade del suelo. Hé visto arboles qua á um mismo tempo se presentan cubiertos com la flor, con el fruto maduroy já con la naranja verde todavia. Tres generaciones apinâdas que se presepitan disputando el calor del sol: e a casi toda vegetacion em esa region presenta esse fenómeno singular”. (BOSSI, 1863, p. 138)

Segundo Moutinho nos meses de setembro e outubro a florada dos pés de laranjeiras exalava um perfume inebriante e o ar tomava toda a cidade. Um aspecto agradável que convidava ao passeio o homem mais positivista. Difícil era ver uma casa cuiabana sem o seu pé de laranjeira, que era plantado em um quintal grande, e davam frutos de valor particular quase o ano todo: “causa admiração ver-se uma laranjeira bem copada, toda florescida, ostentando nos seus fructos um aspecto variado, em razão de conservarem-se alguns ainda verdes. E outros já com uma bela còr de ouro” (MOTINHO, 1869, p.40).

A abundância de alimentos e o referido sobre a quantidade de peixes nos rios eram verdadeiros, conforme exposto:

Entretanto, se lançar um anzol no rio, tirar-se-ha necessariamente um pacú, um dourado, um pintado ou um jahú; e se lançar uma rede ou uma tarrafa, sahirà ella prenhe de centos de bagres, pacupevas, jeripócas, piraputangas, jurupensens, matrinchans, fidalgos, curimbatás, sauás, palmitos, além de uma quantidade extraordinária de piquiras, trahiras, lambaris etc (MOUTINHO, 1869, p. 33).

Moutinho relaciona as várias plantas, animais e riquezas que existiam no tempo que morou em Mato Grosso e pontua aspectos atrelados à diversidade da natureza e da sua robustez. Enaltece a abundancia da flora, salientando e sugerindo que a população poderia aproveitar dela para o desenvolvimento da economia. Dessas sugestões e potencialidades, estava a baunilha. Planta que nascia nas matas de Mato Grosso. A Salsaparrilha também fazia parte dessa riqueza diversa. As ervas medicinais serviam para tratamento de doenças. Inclui-se em seu conjunto de representações, a descrição sobre a vida do homem do campo.

Retratado junto a fartura do seu roçado, escreve das plantações que nasciam e se multiplicavam. Com grande admiração pela terra, escreveu sobre a abundância das plantações na área rural, e que essa fertilidade durante o período seria um indicativo de que o agricultor colhia muitos alqueires de alimentos, os quais eram comercializados na província. Esse agricultor também alimentava sua família durante um longo período:

Assim, por exemplo, o lavrador, se planta um alqueire de milho ou feijão colhe duzentos o trezentos, e às vezes mais. Se planta um alqueire de arroz colhe o mesmo resultado que na plantação de milho. Se planta um cannavial este produz por espaço de 30 a 40 annos. (MOUTINHO, 1869, p.31).

Assim, Moutinho (1869, p. 29) destaca que: “no meio das grandes mattas, e quasi que geralmente em todo o paiz de que tratamos, produz a terra abundantemente a baunilha”. [Nos sertões de Diamantino] “cresce também em abundancia a salsa-parrilha, que é um dos elementos de riqueza no Pará [...] além d’isso, abundão muito n’ aquellas regiões excelentes hervas medicinaes e raízes de prácticos colhe muita vantagem no curativo de varias enfermidades”.

Moutinho aponta sobre as propriedades de tratamento de plantas medicinais para um grande número de pessoas, mais especificamente ele fala sobre a doença da sífilis, muito comum naquele período e que poderia ser tratado com plantas encontradas em grande quantidade nas florestas de Mato Grosso:

A syphilis com especialidade encontra ali poderosos medicamentos na japecanga, no cipó caninana, na caroba, na carobinha planta de que apreciamos curas quase maravilhosas e finalmente no jatubá e no cedro. As arvóres da copaíba e a canella, produzem também da mesma forma. A seda

vegetal de mui boa qualidade, e que se presta perfeitamente ao tecido, é também uma das muitas riquezas abandonadas (MOUTINHO, 1869, p. 29).

Ainda, acerca das riquezas naturais, é descrito que existiam no país “imensas nitreiras, e no Jaurú riquíssimas, cobre e ferro que não forão ainda exploradas apesar do decreto de 18 de dezembro de 1861, que concedeu a uma companhia [que até hoje não foi organizada]”. (MOUTINHO, 1869, p. 30). Vê-se que o autor tem por ocupação dizer daquilo que poderia ser explorado para desenvolver a economia de Mato Grosso. Dito isso, soube ele relacionar os minerais que serviriam ao desenvolvimento econômico do estado.

Galetti (2012, p. 27) explana que toda abundância exercia um enorme fascínio sobre os viajantes, além de lhes provocar uma grande inquietação: “era-lhes difícil conceber que tantas riquezas permanecessem praticamente intactas, quando sua exploração podia ser fonte de grandes lucros, de estímulo ao “progresso e à civilização”. Moutinho descreve a paisagem natural e as aves como sendo:

monotonia da viagem só era interrompida quando passávamos pelas cabeceiras, (5) sempre povoadas de formosas buritys, que crescem e se estendem em long. as filas nos campos baixos. Taes lugares são os preferidos pelas araras (*pittacus ararauna*), por causa dos côcos que produzem essas palmeiras, o que ellas quebrão apezar de muito duro, nos vigorosos bicos (MOUTINHO, 1869. p.31).

Por meio da análise dos relatos presentes no diário de viagem de Moutinho, tem-se a constatação de sua percepção da natureza, da qual nota-se um encanto por presenciar tanta beleza, cores e muita diversidade da flora e da fauna. Moutinho reportava a beleza exótica do espaço geográfico, descrevendo os animais que observava na beira da estrada e nas paradas obrigatórias no meio da floresta, momentos de descanso e de dormida, tinha ali, suas inspirações. Era ali que o viajante construía suas imaginações, como segue o fragmento:

Nada mais majestoso que a natureza vestida de gallas em sua floresta povoada de mysteriosos cantos, enlançando-se de florentes grinaldas, espalhando gratos aromas, que elevão o pensamento a Deus, único poder para crear tanta perfeição. Tanta opulência, tanto esplendor. A mata do Barreiro forma uma subida pouco sensível, para descambar depois no ribeirão do mesmo nome. Ahi abundão as matrinchans, peixe que tem a forma e o tamanho da piracajuba. (MOUTINHO, 1869, p. 36).

Referindo-se aos animais da floresta, como dito acima, tem-se:

A Anta [*Tapir ameticanus*], que é do Brasil o animal maior, vem banhar-se nas aguas frescas d’esse ribeirão, que corre á sombra de arvoredos frondosas.

É triste, tenebrosa, inofensiva, e mesmo sendo atacada não aceita combate. Dorme durante o dia, e só passeia durante a noite (MOUTINHO, 1869, p.37).

Sobre a paisagem natural e as distâncias, escreveu:

A serra do Taquaral é de todo o sertão o lugar mais bello, mais d'essa beleza imponente que provoca o entusiasmo, falla à rasão, e o mergulha n'um meditar profundo, e faz vôr a imaginação até transportar-se fora do mundo physico que os olhos abrangem. Do alto da serra, se espraia a vista pela vasta e verdejante paisagem que se estende até a distancia de 20 a 30 leguas, a admiração imprime na alma um movimento e um ardor que pareceu exceder os limites da razão humana (MOUTINHO, 1869, p. 45).

Essa abundância exercia um enorme fascínio sobre os viajantes, além de lhes provocar uma grande inquietação. Era-lhes difícil conceber tantas riquezas permanecessem praticamente intactas, quando sua exploração podia ser fonte de grandes lucros, de estímulos ao “progresso e à civilização” (Galetti, 2000, p. 27). Tal percepção acentuava o “primitivismo” da região e também era vista como sinal de incapacidade de seus habitantes para dominar a natureza em proveito de suas necessidades. Não diferentes foram as representações construídas por Moutinho acerca das riquezas da fauna, da flora, da paisagem natural, das riquezas minerais do Mato Grosso, o que contribuiu para divulgar a ideia de que os recursos naturais são inesgotáveis, mensagem que deve ser repensada urgentemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a historiografia mato-grossense Joaquim Ferreira Moutinho deixou sua valiosa contribuição, que foi sua narrativa da experiência vivida em Cuiabá. Nos deixou o legado de um período em que a Província passou por um momento de peste, crise sanitária, guerra, fome e essa narrativa veio somar a um conjunto de obras de outros viajantes do Século XIX. Seu material serve como material investigativo aos escritores e profissionais do ensino da História.

Sua obra apresenta relatos vivenciados com um discurso construído sobre pessoas e acontecimentos que envolve representação e construção dos fatos. O historiador Nobert Elias discorre que é possível o viajante estabelecer um conhecimento sobre a paisagem e a realidade que está adentrado (ELIAS, 1990). Portanto, infere-se que Joaquim Ferreira Moutinho foi atento a descrição de detalhes sobre a natureza brasileira e seus habitantes visto que, abordou a rotina da sociedade de seus costumes, as florestas virgens, vegetação, a paisagem tropical e a experiência da observação de suas vivências.

A compreensão é ideia de superioridade, pautada no poder e domínio sob o outro, a exploração e conquistas da diversidade natural e o enriquecimento da formação políticas e os seus regimes, são vistos como um processo histórico construído a partir do conhecimento científico do viajante, a propósito, esse conhecimento agrega sabedoria a área de Ciências, especificamente ao estudo da terra e da natureza, o que é enriquecedor ao viajante, aos aventureiros, e novos homens que fixaram suas moradias nesse espaço geográfico.

Ao apresentar o território de Mato Grosso no contexto do século XIX, o viajante Moutinho em suas narrativas apresenta um território com uma fantástica abundância na composição, exibindo e descrevendo uma riqueza infinita, água, fauna e flora - que não são perpétuas, devendo-se, assim, transmitir a fundamental mensagem de que se deve preservar a biodiversidade desse espaço geográfico. Também válida a compreensão de um grande problema na contemporaneidade, que compreende a utilização de agrotóxicos nas plantações de soja e algodão e nas extensas lavouras modernas de Mato Grosso.

Essa atividade nefasta tem eliminado a riqueza hídrica e vegetal das florestas, e a partir desse contexto, perde-se território, questiona-se também para onde estão migrando os pássaros, e as abelhas, que se encontram em desaparecimento e morrendo pela intensidade e pulverização de veneno nas plantações. A variedade de seres vivos em Mato Grosso e na natureza deve ser preservada, deve-se aprender com os indígenas, que possuem um outro olhar sobre o universo da floresta e um conceito diferenciado como o manejo das plantações de subsistência. Desse olhar e experiência com a terra, constata-se o equilíbrio entre o homem e a natureza e uma maneira sustentável de viver e conviver, o que vai ao encontro e harmonia com a Mãe Terra. Esse modo de vida faz da natureza uma protetora dos povos indígenas e essa consciência da preservação e o respeito pela floresta, traz o equilíbrio de viver e de conservar o ambiente onde habitam, tornando-os verdadeiros guardiões da natureza.

A exaltação da beleza mato-grossense, bem como as representações de abundância e de riqueza ainda permeiam a imaginação e a fantasia, perpassando o discurso do vazio populacional, que impulsiona projetos tensionando o enriquecimento da região e modernização entre os latifundiários, não incluindo os pequenos produtores nem indígenas nas políticas sociais e econômicas. Esse contraste de civilização de modernidade deixa claro a desigualdade entre os indivíduos.

FONTES

A Cruz Orgão de Liga Social Catholica, Brasileira de Mato Grosso, Ano 1932 edição 01056. Acesso em 07 de abril de 2021

A Imprensa de Cuyabá: Periodico Politico, Mercantil e Litterario (MT) - 1859 a 1865 A Imprensa de Cuyabá. Acesso 10 maio de 2021

O Estado de Mato Grosso (MT) - 1939 a 1972. Acesso 15 de novembro 2021/Ano 1964\Edição 04610 (1) Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSI, Bartolomé. **Viage pitoresco ppor los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo y Cuyabá y el Srino tributário del grande Amazonas con la descriçion del a província de Mato Grosso bajo su aspecto físico, feifrádico, mineralojico y sus produccuies naturales.** Paris: Libreria Parisiense, Dupray de la Mahérie, 1863.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CRUZ, Ana Lucia Rocha Barbalho da. **As Viagens São Os Viajantes: Dimensões Identitárias dos Viajantes Naturalistas Brasileiros do Século XVIII.** História Questões e Debates, Curitiba, v. 19, n.36, 2003.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **Sertão, Fronteira, Brasil. Imagens de Mato Grosso no mapa da civilização.** Cuiabá, EdUFMT, 2012

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. **O poder das imagens: o lugar de Mato Grosso no mapa da civilização.** In: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da (Org.). *Relações cidade-campo: fronteiras.* Goiânia: EdUFG, 2000

GISLAINE, Moreno; HIGA, Tereza Cristina Souza. **Geografia de Mato GrOsso Território Sociedade Ambiente.** Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

MOUTINHO, Joaquim Ferreira. **Notícia sobre a Província de Mato Grosso.** São Paulo: Typ. Henrique Schoeder, 1869.

ROSA, Carlos Alberto. Apostila 1: **Introdução à Disciplina.** Disciplina “História de Mato Grosso”, ministrada pelo professor Dr. Carlos Alberto Rosa, aula de 19 de junho de 2002. (Mimeo).

ROSA, Carlos Alberto. Apostila 3: **História e Historiografia de Mato Grosso.** Disciplina “História de Mato Grosso”, ministrada pelo professor Dr. Carlos Alberto Rosa, aula de 12 de março de 2009. (Mimeo).

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. **Cativos do sertão: vida cotidiana e escravidão em Cuiabá: 1850 - 1888.** São Paulo: Marco Zero, 1993.